



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL -
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

FERNANDO ANTÔNIO GONÇALVES COSTA FILHO

**O OFÍCIO DE PARTEJAR COMO FORMADOR DE UM LUGAR: A trajetória da
parteira Inácia Gonçalves Costa em Puxinanã/PB (1951-1981)**

**CAMPINA GRANDE
2022**

FERNANDO ANTÔNIO GONÇALVES COSTA FILHO

**O OFÍCIO DE PARTEJAR COMO FORMADOR DE UM LUGAR: A trajetória da
parteira Inácia Gonçalves Costa em Puxinanã/PB (1951-1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em Estudos de História Local.

Área de Concentração: Espaços, Cultura e Sociabilidade

Orientadora: Prof^a. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837o Costa Filho, Fernando Antônio Gonçalves.

O ofício de partejar como formador de um lugar [manuscrito] : a trajetória da parteira Inácia Gonçalves em Puxinanã/PB (1951-1981) / Fernando Antônio Gonçalves Costa Filho. - 2022.

36 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro, Departamento de História - CEDUC."

1. Partejar. 2. História local. 3. Puxinanã - Paraíba. I. Título
21. ed. CDD 981.33

FERNANDO ANTÔNIO GONÇALVES COSTA FILHO

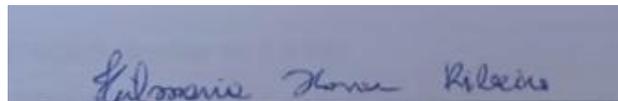
**O OFÍCIO DE PARTEJAR COMO FORMADOR DE UM LUGAR: A trajetória da
parteira Inácia Gonçalves em Puxinanã/PB (1951-1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Pós-graduação em História, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialização em Estudos de História Local.

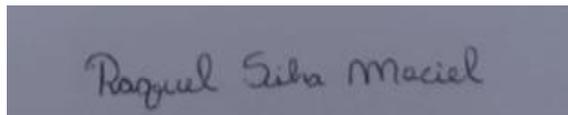
Aprovada em: 22/10/2022

Nota auferida: 8,5

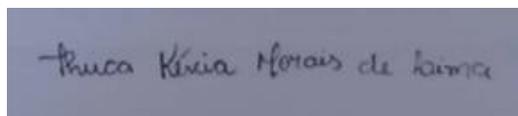
BANCA EXAMINADORA



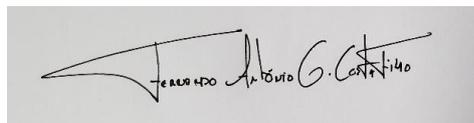
Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba/ DH/ Nupehl



Prof. Me. Raquel Silva Maciel – UFC (visitante)



Prof. Me. Thuca Kessia
Universidade Estadual da Paraíba/ Nupehl/ UEPB/UFRPE



Fernando Antônio Gonçalves Costa Filho (Orientando)

*À Dn Inácia Gonçalves Costa - minha avó Dazinha -
que tanto fez por Puxinanã, mas principalmente por
ser o alicerce da nossa família, DEDICO.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2. DONA INÁCIA GONÇALVES COSTA	10
2.1 Agente formadora de um lugar	12
2.2 PARTURIENTES	17
3. A CIDADE DE PUXINANÃ - É PARIDO UM NOVO TEMPO: INÁCIA GONÇALVES E A MATERNIDADE LOCAL	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21
ANEXOS	23
Anexo 1: Verso de fotografia em 1949	23
Anexo 2: Medalha de Honra ao Mérito	23
Anexo 3: Diploma	24
Anexo 4: Nomeação	25

O OFÍCIO DE PARTEJAR COMO FORMADOR DE UM LUGAR: A trajetória da parteira Inácia Gonçalves Costa em Puxinanã/PB (1951-1981)

Fernando Antônio Gonçalves Costa Filho ¹

RESUMO

Esse artigo parte da percepção do ato de partejar como formador de um lugar, com o objetivo de problematizar a trajetória da parteira Inácia Gonçalves Costa em Puxinanã/PB durante o recorte temporal de 30 anos (1951-1981), constatando a necessidade de interpretar as representações que essa mulher deixou na cidade. Dessa forma, propomos refletir e analisar o ofício de parteira e sua contribuição para as sociedades rurais, compreendendo a importância desse ofício no ato do nascimento, e construção das comunidades, concebendo as tradições do partejar, e as formas de representação construídas por essas tradições e influentes na formação de um lugar e suas subjetividades, para tanto, metodologicamente partimos da pesquisa bibliográfica e das narrativas orais a partir da História Oral e análise de fotografias. Como aporte teórico- metodológico faz-se necessário nos aproximarmos da história cultural, em especial a partir de historiadores como Burke (1988) pensando as práticas, Bosi (2003) sobre memórias e Bastide (2006) compreendendo seu conceito de sagrado selvagem.

Palavras- chave: Partejar. História Local. Puxinanã.

THE CRAFT OF PARTYING AS A TRAINER OF A PLACE: The trajectory of midwife Inácia Gonçalves Costa in Puxinanã/PB (1951-1981)

ABSTRACT

This article is based on the perception of the act of partaking as a shaper of a place, with the objective of problematizing the trajectory of the midwife Inácia Gonçalves Costa in Puxinanã/PB during the 30-year time frame (1951-1981), noting the need to interpret the representations that this woman left in the city. Thus, we propose to reflect and analyze the office of midwife and her contribution to rural societies, understanding the importance of this office in the act of birth, and construction of communities, conceiving the traditions of partejar, and the forms of representation constructed by these traditions and influential in the formation of a place and its subjectivities, for this purpose, methodologically we start from bibliographic research and oral narratives from oral history and analysis of photographs. As theoretical-methodological contribution it is necessary to approach cultural history, especially from historians such as Burke (1988) thinking about practices, Bosi (2003) about memories and Bastide (2006) understanding his concept of sacred savage.

Keywords: Partejar. Local History. Pull on the pull.

¹ E-mail: fernandophilho@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O momento do nascimento é repleto de significados e tradições. Até o instante do parto, as mães se preparam durante nove meses, escolhem as mantas, as cores para o quarto, as bolsas e mamadeiras, pesquisam os significados dos nomes e suas origens, se organizam para o momento em que seu filho irá chegar.

Dentro desse ritual, está o de escolher o médico e o hospital, quais enfermeiras vão compor a equipe médica, até uma doula – profissional que tem como função principal acompanhar a gestante em todo o processo do parto e pós-parto, encorajando, apoiando e oferecendo conforto no ato do parto - é convidada para a ocasião em especial. Mas, como sabemos, historicamente nem sempre foi assim. Durante boa parte da história, as principais responsáveis pelos partos eram as parteiras de ofício (tradicionalistas). Mulheres que dedicaram suas vidas a trazer outras vidas ao mundo.

Sendo assim, pretendemos nesta pesquisa, analisar a atuação da parteira Inácia Gonçalves Costa, natural do município de Puxinanã/PB, atentando para o seu cotidiano e as redes construídas por ela dentro da sociedade. Para tanto, entendemos a necessidade de procurarmos conhecer em que localidades ela atuou, com quem e para que sujeitos ela dedicou seu ofício, entendendo que

[...] em comunidades rurais, o processo de nascimento em domicílio se apresenta como uma experiência tecida em uma rede de múltiplos significados tanto para as parteiras tradicionais como para as parturientes, familiares e amigos. (DIAS, 2007, p. 477).

Desta forma, não se trata apenas do parto, mas, de pensarmos o ofício de partejar como representação da formação de um lugar e suas subjetividades. Subjetividades estas relacionadas aos grupos sociais que a mãe frequenta, como Dias (2007) ressalta, o parto em domicílio envolve múltiplos significados e representações para a mãe (parturiente), parentes e amigos. Sendo assim, nosso objetivo geral será problematizar a trajetória da parteira Inácia Gonçalves Costa em Puxinanã/PB durante o recorte temporal de 30 anos (1951- 1981), pensando o seu ofício e suas ramificações.

Tais ramificações vão além do universo acadêmico e revestem de fato o que há de mais íntimo diante relação do pesquisador com o objeto de pesquisa. Os principais fatores que alicerçam tal estudo são constituídos pela inquietação do entendimento de em como se deu a formação e desenvolvimento do lugar onde se vive, mais ainda, realçando onde tal formação recebeu uma contribuição expressiva do ato de partejar exercido por Inácia, a “Vó Dazinha”. A fama e histórias que esta mulher carrega estão acima dos termos julgados pela academia. Estamos falando de dizeres até que poéticos em quando ouvimos tais feitos contados pelas mulheres entrevistadas e suas afirmativas em relação ao “eu” de Inácia como “Dazinha” e essencialmente em relação ao ofício de bondade praticado por ela.

Consequentemente buscamos refletir e analisar o ofício de parteira e sua contribuição para as sociedades rurais, compreendendo a importância desse ofício no ato do nascimento, e construção das comunidades, concebendo as tradições do partejar, e as formas de representação da formação de um lugar e suas subjetividades a partir da oralidade. Portanto, pretendemos mostrar a trajetória da parteira Inácia Gonçalves como protagonista na formação social do município de Puxinanã/PB, tendo em vista sua participação em mais de três mil partos, durante 30 anos de atuação como parteira oficial de Puxinanã e cidades circunvizinhas. Quantas famílias foram formadas com a participação das mãos desta parteira? Quantas vidas foram salvas e quantas mães são gratas por esse ofício?

Nossa proposta de estudo parte da inquietude de entender a vida desta mulher, Inácia Gonçalves de Oliveira (ainda com nome de solteira), nascida em Puxinanã - PB em 13 de junho de 1927. Sendo a filha mais velha dos agricultores Severino Gonçalves de Oliveira e Sebastiana Batista de Oliveira, via no estudo a única forma de sair do meio rural e conquistar novos ares de forma “independente e mais segura em meio a uma oportunidade de seguir na área de saúde” como ela mesma relata em entrevista.

Por conseguinte, trazemos aporte teórico-metodológico onde faz-se necessário nos aproximarmos da história cultural, em especial a partir de historiadores como Burke (1988) pensando as práticas, Certeau (1982) refletindo sobre o cotidiano e Bastide (2006) compreendendo seu conceito de sagrado selvagem.

O ato de partejar deve-se ser pensado enquanto um ritual, tendo em vista que as formas nas quais as parteiras se organizam em seu ato possui uma relação muito forte com o sagrado e as formas da natureza que contribuem para sua prática, a mesma torna-se uma tradição cotidiana dentro do recorte no qual estamos trabalhando nesse projeto, em que, para podermos compreender historiograficamente as nuances da vida de Inácia Gonçalves, faz-se necessário nos aproximarmos da história cultural.

É importante destacar que a viabilidade dessa pesquisa só é possível graças ao diálogo interdisciplinar da História com outras ciências como a antropologia cultural, haja vista que pensar essa prática é observá-la dentro das tradições que nós historiadores denominamos enquanto “Cultura Popular”, como também, é observar histórias que partem de diversas tradições e costumes. Para Burke (1988) as práticas que nós conceituamos enquanto popular partem de uma concepção muitas vezes pejorativa, que engavetam essas tradições num sentido folclórico, arcaico e ultrapassado. Nesse sentido, pensaremos o popular por meio da ótica da heterogeneidade que compreende esse espaço enquanto produtor de múltiplas tradições, signos e práticas que permeiam nosso cotidiano.

Assim, ao pensar o ritual de partejar vislumbramos o mesmo enquanto uma tradição da “cultura popular” que emerge práticas cotidianas por agir dentro desse período na cidade de Puxinanã. Atinando até esse período o ato de partejar enquanto uma função cotidiana, observamos o quanto era recorrente a procura, tendo em vista que além de parteiras, essas mulheres possuíam um laço de sociabilidade muito forte com sua comunidade.

Para Certeau (1982) esse cotidiano tornam-se as tradições inventadas pelo povo e que adentram na sociedade de forma forte, ao olhar para essas práticas nesse sentido não enxergamos apenas Inácia Gonçalves parteira, mas uma Inácia que era autoridade local na comunidade, que passa a ter relações de conselhos e ensinamentos para as mães desse período, além de possuírem uma forte ligação com o sagrado, tendo em vista que o ato de partejar possui uma interação não apenas do saber local das parteiras, mas de um troca religiosa com sagrado a partir da tese que dentro do saber do povo o ato de partejar é um dom divino.

O sagrado encarnando-se num corpo social, toda crise desse corpo acarreta, com efeito, uma nova apreensão e, conseqüentemente, uma nova experiência do sagrado. A fisiologia religiosa prende-se à fisiologia do organismo global. Toda experiência religiosa é, por definição, uma experiência impura. (BASTIDE, p 118, 2006).

Partimos de Bastide (2006) e do seu conceito de sagrado selvagem, para ele esse sagrado são práticas diversas que partem de um lugar nativo, mas que se organizaram e perpetuaram-se na sociedade. Nesse sentido, as parteiras passam a serem enxergadas enquanto um corpo social sagrado por manter uma sintonia com esse espaço. A parteira adentra ao que chamamos de uma representação do sagrado feminino, tendo em vista que seu ritual abraça esse universo da medicalização natural e selvagem, como também esse espaço religioso montado por ela no seu ritual de parto.

Compreendendo o quão estreito é o caminho para pensar tal pesquisa, nos debruçamos nessa leitura limitada que vai tomando forma e adentrando outros universos para pensarmos nosso objeto, porém delimitando-o dentro dessa concepção teórico e metodológico do universo das práticas culturais, do cotidiano, ou seja da história cultural do povo.

Destarte, com o alargamento das discussões historiográficas a partir dos *Annales*, uma nova ferramenta de problematização surgiu diante desse contexto, a narrativa biográfica. A partir da década de 1980, a historiografia brasileira experimentou essa nova modalidade de escrita. Foi a partir das discussões propostas por Marc Ferro (1989), que a biografia histórica entrou de fato em cena, ou, ainda, retornou para o ceio de uma discussão que remonta um rompimento com as ditas narrativas grandiosas, a exemplo do Fernand Braudel (1949) em *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II*, fruto de sua tese de doutorado.

Doravante esse rompimento com as narrativas de longa duração que o indivíduo, o sujeito, passou a ter espaço, o que nos lembra também da corrente historiográfica da micro-história, postulada dentro desse contexto, também na França, tendo como nome importante, Carlo Ginzburg. Tentando se desprender do estruturalismo e da narrativa envolvendo as massas, esse gênero biográfico ganhou força e vem crescendo desde então. Para Mary Del Priore (2009)², “a explicação histórica cessava de se interessar pelas estruturas, para centrar suas análises sobre os indivíduos, suas paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas”.³

É preciso apontar e especificar ainda, as nossas propostas metodológicas, pois é diante de um traçado ordenado bem definido que poderemos nos aprofundar nas minúcias do ato de partejar. A metodologia da História Oral é de fundamental importância neste trabalho, haja vista que foram colhidos depoimentos importantes para a compreensão do contexto da comunidade de Puxinanã da década de 1950, década essa que deu início ao movimento de Inácia Gonçalves – Dona Dazinha – no ofício de parteira oficial da região. Sobre essa metodologia BOSI (2003) acrescenta que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”.⁴

Metodologicamente, pretendemos partir das análises de narrativas orais, por estas se apresentarem imprescindíveis para nossa compreensão histórica sobre a trajetória da parteira supramencionada, e sua forma de atuação, seus mecanismos e táticas, sua importância para a comunidade a qual pertence, como também dos derivados do ofício de partejar como contribuinte para a formação do lugar Puxinanã.

Ainda sobre a oralidade, BOSI (2003) destaca que “ela é o intermediário informal da cultura”, o que nos alerta para pensarmos em como essas mulheres parteiras, que mesmo sem possuírem uma formação acadêmica superior, desenvolveram “a arte” do partejar, nesse movimento de entrega à um ofício, pois a própria Inácia Gonçalves destacou em entrevista que “eu nem vejo assim. Nunca pensei que estava fazendo algo demais, era minha obrigação”, quando perguntada sobre sua relevância para o crescimento da cidade de Puxinanã. Fato é que Inácia Gonçalves participou das mudanças sociopolíticas, econômicas e demográficas do município.⁵

Através do depoimento oral, pois ele enquanto memória “se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto”, poderemos acessar tais memórias e analisarmos cada conjunto de representações, tal qual postulou o historiador Roger Chartier (1990), em *A História Cultural: entre práticas e representações*, pois as práticas e representações põem em voga “noções que se acoplam mais habitualmente à de ‘cultura’ para constituir um universo de

² Ver PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história.

³ Ver Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

⁴ Ver BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social / Ecléa Bosi. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

⁵ Entrevista realizada em 13 de junho de 2022

abrangência da História Cultural são as de ‘linguagem’ (ou comunicação), ‘representações’, e de ‘práticas’”. Sobre essas práticas elas podem ser práticas culturais, que são “realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as ‘práticas discursivas’ como as práticas não-discursivas”.⁶

É ainda parte importante de nossa metodologia, analisar, a partir de um diálogo entre oralidade, práticas e representações e memória, pois a memória como pensa Michael Pollak (1992) “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, se caracterizando como um movimento crucial desse nosso traçado, pois é nessa relação constitutiva da memória em coletividade, que abrigamos as nossas lembranças e vivências.⁷ Desta forma, escolhemos trabalhar quatro das onze entrevistadas diante do vínculo ainda vivo com Inácia e também pelo fato das mesas ainda residirem em Puxinanã, onde atualmente são matriarcas de grande notabilidade neste lugar.

Um outro caminho metodológico é a partir das fotografias, A utilização da imagem, animada ou não, tornou-se comum como forma de comprovar ou acrescentar informações às observações cotidianas. (Albuquerque e Klein, 1987, p.298). As imagens carregam esse poder, elas comprovam e acrescentam, como salientam os autores, todavia, elas são mais que comprovantes, são meios para emergir em uma dada realidade, com detalhes singulares, com pessoas específicas, com registros únicos, sabendo que é

Invenção burguesa por excelência, a fotografia popularizou o retrato levou aos recantos mais distantes do mundo essa “caixa de pandora”, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos de tipos humanos, retratos com apelos eróticos, paisagens urbanas das metrópoles, imagens chocantes de guerras e de conquistas científicas. (LIMA, CARVALHO, 2021, p.30).

Elas popularizaram e concederam a oportunidade de conhecer um lugar, um tempo distante, os costumes e os usos sociais, mesmo que distante. É esse poder que na História as fotografias apresentam vida, com riqueza de detalhes, que mudam todo um rumo. Compreendendo que

As fotografias nos remetem ao passado por mais próximo que esse passado esteja de nós, nos incita a imaginarmos determinadas situações a partir de uma simples paisagem, quer urbana, quer rural; aproximamos de modos de vida diferentes dos nossos, de modas, de hábitos, de formas de viver. Elas, enfim, tendem sempre a nos colocar a questão: como as pessoas viviam no seu cotidiano, como deveria ser o mundo daquele passado? (CABRAL FILHO, 2007, p.3).

Nesse movimento de remeter ao passado, as imagens dentro do universo historiográfico conceberam a categoria de fonte, a partir dos seus usos sociais elas se tornaram imprescindíveis nos estudos sobre memória e história de modo geral. Compreendendo que existe uma forte relação entre a memória, os registros fotográficos e a história, analisamos em nossa pesquisa algumas fotografias disponibilizadas pelas depoentes. Os registros imagéticos são também rastros de sensibilidade, acima de qualquer detalhe, eles registram fragmentos da realidade,

⁶ Conferir Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005 *A HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER* - José D'Assunção Barros.

⁷ Ver POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

[...] as sensibilidades corresponderiam a uma relação originária dos homens com a realidade, expressa por sensações e pela percepção, que, de forma individual e partilhada, implicam a tradução da experiência humana no mundo. Sendo, contudo, um processo subjetivo, brotado do íntimo de cada indivíduo, como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Sendo a sensibilidade uma forma de ser e estar no mundo, ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica. (PESAVENTO, 2005, p. 128).

A imagens são recursos que capturam esses traços de experiência humana, que fazem parte das sensibilidades que Pesavento (2005) detalha na citação acima, e que, dialoga com o momento em que refletimos sobre o tema para esse trabalho, percebemos a ausência de fotografias de um momento impar na vida de todos os sujeitos, o nascimento. Mas, utilizaremos imagens de Dona Dazinha em sua formação e atuação.

Essa pesquisa torna-se possível na linha Espaços, Cultura e Sociabilidade do Programa de Pós-graduação em História Local da Universidade Estadual da Paraíba, de acordo com sua proposta, que é congrega investigações sobre as diversas espacialidades, as formas de convívio e as singularidades do meio social. Desse modo, nosso objeto de estudo nos ajuda a analisar a cidade como espaço de produção de sociabilidade e práticas multiculturais, partindo do ato do parto e da vida dessa mulher e suas subjetividades. Pensar Dona Inácia Gonçalves como agente formadora da cidade de Puxinanã, acarreta contribuições para a história local da urbe, abre espaço para novas pesquisas e eterniza o ofício do partejar como imprescindível para a construção de um lugar. Nosso trabalho foi pensado em dois movimentos, a saber: “Dona Inácia Gonçalves Costa” apresentando quem foi, seu lugar social, sua profissão e atuação na cidade de Puxinanã; e o segundo momento, “A cidade de Puxinanã - É parido um novo tempo: Inácia Gonçalves e a maternidade local”, em que trabalhamos as transformações na urbe e novas formas de atuação a partir do partejar.

2 DONA INÁCIA GONÇALVES COSTA

Nossa inquietude parte das tradições do partejar, por se tratar de uma expressão cultural, e as formas de representação da formação de um lugar e suas subjetividades, para tanto, partimos de uma análise bibliográfica, que nos fornece base para pensar nossa temática, utilizando ainda, narrativas orais sobre a trajetória da parteira Inácia Gonçalves Costa (mais conhecida como Dn Dazinha), que atuou no ofício de parteira durante trinta anos (1951-1981), na cidade de Puxinanã (Paraíba) e fotografias. Em foto, segue a protagonista da história que estamos buscando remontar:

Figura 1: Inácia Gonçalves Costa



Fonte: Acervo pessoal do autor.

É de suma importância compreender a participação da parteira Inácia Gonçalves Costa em mais de três mil partos, sendo uma personagem atuante na sociedade de Puxinanã, trazendo ao mundo seus cidadãos e dando apoio e segurança as mães e toda uma rede de sociabilidade que foi construída no movimento de partejar.

Inácia Gonçalves enxergava que a roça não mais era seu lugar de trabalho e queria então ir além do que a então vila de Puxinanã lhe proporcionaria caso sua vontade fosse alcançada. Diante de sua amizade com uma das famílias de líderes políticos de Puxinanã, Inácia recebe o convite para estudar na casa na capital de sua amiga Alzira Coutinho, irmã de Zoroastro Coutinho (um dos fundadores de Puxinanã). Zoroastro, segundo “Dazinha”, por possuir prestígio político em nossa região, conseguiu uma vaga para ela com o então governador da Paraíba, José Américo de Almeida em um programa do Governo Federal, onde este disponibilizava cursos na área de obstetrícia, institucionalizando assim o ofício de parteiras nas cidades do interior tanto do Estado da Paraíba como do resto do Brasil como um todo.

Figura 2: Inácia Gonçalves e colegas em 1949 na Maternidade Candida Vargas.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A fotografia acima mostra em destaque a parteira Inácia Gonçalves, no verso da imagem (em anexo), tem escrito com sua grafia “Mais uma fotografia tirada com minhas colegas do internato na Maternidade Candida Vargas”, em 7 de setembro de 1949.

Vale ressaltar que, esmiuçamos entender como essa personagem se insere no ofício, como sua trajetória vai sendo construída e qual sua relação com a comunidade. Antigamente, quando a criança nascia pelas mãos de uma parteira, essa parteira se tornava madrinha da criança, ficamos nos perguntando a importância de Inácia na vida dessas mais de três mil crianças.

E intentar como uma família vinda da zona rural de São Sebastião de Lagoa de Roça/PB, iria contribuir e muito no que diz respeito ao lugar Puxinanã. Até porque, Severino Gonçalves, pai de Inácia, era cacheiro viajante, viajara tudo o que é canto por entre os arredores de Puxinanã. Já Dn Sebastiana, esposa de Severino, mãe de Inácia, era dona de casa, mas atuante na comunidade em relação a escola doméstica da cidade – que existiu entre as décadas de 60 a 80. Como também o irmão caçula de Inácia, o José Roberto, que participa ativamente da política puxinanense desde a década de 70, e que dá nome ao Instituto Histórico de Puxinanã.

A concepção da maternidade é, do ponto de vista histórico, uma marca da mulher. No decorrer da formação da humanidade, é possível perceber que a figura feminina está diretamente ligada à possibilidade de gerar um filho, de procriar.

Se remontada à antiguidade clássica, é possível observar que na mitologia grega, a mulher mãe, é normalmente descrita de forma divina, orgulhosa de sua prole e cuidadora de seus filhos e do seu lar, a exemplo disso, tem-se a retratação de Hera, esposa de Zeus, que dá luz a boa parte dos deuses do Olimpo, seguindo na concepção de mulher no império Romano, a similaridade de tratamento dado à figura feminina na cultura grega se repete, e ela novamente é retratada majoritariamente, pela sua capacidade de gerar filhos e de ser uma cuidadora do lar e de seu marido. (LACERDA 2009)

Essa relação entre a mulher e a maternidade, é encontrada também nos textos bíblicos, mas especificamente no livro de Gênesis capítulo 3 versículos 16, que retrata a categorização da dor do parto, como um dos castigos recebidos por Eva por ter comido o fruto da árvore da sabedoria: “*Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz filhos*”.

Adiante, ainda no texto bíblico, se percebe outra importante associação da mulher à maternidade, quando Maria é escolhida por Deus para ser a mãe de seu filho. Aliás é pertinente que se diga que o texto bíblico de modo geral, se repete na categorização da mulher enquanto mãe e associa inúmeras vezes essa capacidade de gerar um filho, à uma benção divina. Na cultura ocidental e em outras culturas, a mulher que é biologicamente incapaz de gerar um filho, era considerada incompleta em sua essência e até imprópria para o matrimônio. (ALIANE ET AL 2011)

Pensar em todas as formas como a maternidade tem sido tratada até o presente momento exige um olhar aguçado para perceber todas as nuances que são dadas à condição de gestação da mulher. Se analisado do ponto primário na concepção cristã, passando pela condição de obrigatoriedade de ser parturiente para chegar novamente à sublimação maternal com viés religioso novamente advindo de influências do cristianismo com a divinização de Maria, chega-se até o presente momento onde a maternidade passa a ser considerada como uma dádiva livre de percalços e inteligível do ponto de vista social, como um momento de magia e amor pelo qual a mulher passa. (SOUZA 2017)

Com todas essas considerações, se observa que há um fluxo considerável de referências históricas destinadas à contemplação da maternidade enquanto um fenômeno gestacional vivenciado pela mãe, próximo ao ato tido como sublime que se refere ao processo de gestar uma criança, se tem uma presença notável, que se faz presente na constituição da história clássica e também da história moderna, com uma relevância considerável dentro do meio parturiente que é a figura da parteira.

Tal nuances familiares no que diz respeito a cada agente deste e de como eles somatizaram no que viemos a conhecer como lugar, vem de fato a ser colocado em evidencia em termos mais significativos diante da história do povo de Puxinanã.

2.1 Agente formadora de um lugar

Para descrever uma cultura é necessário compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto de práticas que nela se exprimem, as representações do mundo, do social ou do sagrado (CHARTIER, 2003, p.18).

O partejar faz parte dessas relações que Chartier (2003) se refere, é uma prática cultural, que carrega representações de uma sociedade e da forma como ela funciona, que tem relação com o sagrado e o profano, que se configura como um ofício caro, e é a partir dessa percepção, que buscamos na oralidade esses aspectos do partejar. Entendendo a fala enquanto fonte

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu- e, por isso dá vida a- as conjunturas e estruturas de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos. (ALBERTI, 2004, p. 14).

Neste sentido, entender que a memória se constitui e é apresentada em diferentes suportes, como a fala (narrativa), desafia a pesquisa histórica, afinal há um trabalho de elaboração do passado por parte dos interlocutores que deve ser objeto da atenção de quem entrevista, pois a memória é uma produção situada, mas não absolutamente individualizada, visto que aquilo que se lembra e se narra faz parte de um repertório compartilhado que define muito do que pode ser lembrado e enunciado por meio da expressão oral. Dessa forma, a memória institui lugares, sujeitos, instituições e define regras de enunciação sobre o que aconteceu (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2006). A partir de tal diálogo, nesse tópico trabalhamos com as narrativas das parturientes sobre o momento do parto e a representação de Dona Dazinha.

Luiza Oliveira de 81 anos tivera três filhos com o auxílio de Inácia Gonçalves, foram “duas meninas em casa e um menino na maternidade. Luizane e Luzinete. Laceldo ela já pegou quando tava na maternidade”. Luiza Oliveira relembra a rotina antes dos partos, antes desses quatro filhos, “meu fi, não tinha nada de diferente. No sítio não tem como ter descanso. Antes de vir morar na rua, era um sofrimento só. Na casa já tinha os meninos, e Américo (marido dela), era da roça, a gente mantinha os meninos assim”.⁸

Perguntada como era comunicado a parteira que você entrou em trabalho de parto, Luiza Oliveira nos contou que,

Nos dois casos que ela foi lá em casa, Américo mesmo foi chamar. Não tinha carro na época, e era a pé ou no cavalo. Nem demorava muito eles chegarem. Era só o tempo de achar ela em casa que ela vinha. Já na maternidade, com Laceldo, cheguei lá, já tava ela e aquela menina, Gorete (enfermeira) pra fazer, foi num instante também. De Laceldo foi mais melhor, mais tranquilo.⁹

Já perguntada como era o processo – durante o ato do parto em si – Luiza Oliveira relembra que “não tinha segredo, ela chegava, eu tava no quarto, doente. Ela vinha e via se tava tudo certo, mexia na mulher, via se tava tudo certo e começava. Era mesmo que um alívio, eu pensava ‘Dazinha chegou, agora vou ter sossego’”. Sobre o comportamento dos familiares e amigos no dia do parto, Luiza Oliveira destaca que “ficava tudo esperando. Américo era o mais nervoso, só tinha paz quando ouvia o via os meninos chorar. Não tinha isso de ficar em cima, e também, as vezes, no outro dia já tava trabalhando”.¹⁰

Inácia Gonçalves, ou Dazinha, como era chamada, realizava acompanhamentos pós-parto, isso quando era possível diante da correria de outros procedimentos que ela realizava, Luiza Oliveira destacou essa lembrança quando disse que “na correria dela, ela só foi lá no sítio com Luizane, viu? Perguntou como tava. Já com o terceiro, com Laceldo, já foi na maternidade, tinha até médico. Nessa época o cuidado era feito em casa mermo”.

Quando perguntada sobre a importância de Inácia Gonçalves, a Dazinha para a cidade e região, Luiza destaca que “Dazinha pegou os meus, os de minha irmã e os de tanta gente daqui. Lá no sitio mermo, quando ela foi ver minha menina, era porque já vinha de outro. Então

⁸ Entrevista realizada em 22 de junho de 2022

⁹ Entrevista realizada em 22 de junho de 2022

¹⁰ Entrevista realizada em 22 de junho de 2022

ela pegou menino demais, era só ela mermo”. Relembrou ainda que era “dona Toinha, era ela quem fazia antes de Dazinha” responsável pelos partos antes da Inácia Gonçalves.¹¹

Edith Figueiredo de 79 anos também pariu com o auxílio de Inácia Gonçalves, lembra que “ela pegou a mais nova, Erivania. A Bichinha não vingou, morreu 3 meses depois. Ia tá uma mulher bonita agora”. Relembra em seguida a rotina nesse período do parto, “era normal, meu filho. Não tinha isso de ficar parada, descansado. Tinha que cuidar dos outros meninos que já tinha. Era serviço até a hora de adoecer pra ter menino e chamar Dazinha”.

A se pensar conforme os entendimentos mostrados por Brenes (2005) que nos primórdios da sociedade tal qual se conhece hoje, a figura da parteira foi de essencial relevância em todos os ciclos sociais, tendo em vista a sua indispensabilidade para a realização de partos de mulheres de todas as classes. Deste modo, a parteira pode ser considerada como uma figura histórica que profissionalmente ajudou na realização de partos de personalidades históricas e por esse motivo, sua indispensabilidade para a formação social tal qual se tem nos dias de hoje não pode ser desconsiderada.

Em Alcade (2002) se tem o entendimento de que, os processos de institucionalização da arte de partejar, advém primordialmente do conhecimento empírico repassados de geração para geração por parteiras que ao longo dos séculos acumularam experiências e fizeram com que seus dogmas e crenças aplicados na hora do parto se perpetuassem ao longo de décadas.

Importante citar que dentro de todo esse conhecimento repassado entre parteiras, apesar de haver um alto teor de conhecimento empírico, se encontram presentes entendimentos de natureza científica que foram validados por estudos renomados e que seguem sendo aplicados nos dias atuais.

Em uma reportagem feita pela revista Caras no ano de 2019, observa-se o entendimento mostrado por Dona Maria das Dores, senhora que à época tinha seus 85 anos de idade e que já havia “pegado” – de acordo com suas anotações – 600 crianças de partos naturais, a maioria nascidos entre os anos de 1960 e 1980. Na reportagem, a parteira entrevistada cita a sua experiência evidenciando entre tantas ocorrências, os “casos de menino sentado na barriga da mãe”, “mães já sem coragem para fazer força”, “partos secos”, “partos em que a criança saiu enrolado numa bolsa” “casos de meninos plantados na barriga da mãe” e outros tantos eventos que a cada ocorrência faziam com que a experiência de Dona Maria se acumulasse

O que se observa com o exposto nessa reportagem, é que tal qual a entrevistada, existem inúmeras histórias que retratam de forma fidedigna a trajetória das parteiras nos últimos séculos, que com o passar dos anos exerceram tal ofício muitas vezes centradas no entendimento de que o partejar se constituía como um dom de Deus.

Aliane et al (2011) em um capítulo específico sobre o partejar ao longo da formação do Brasil, exemplifica que mesmo em um período anterior à institucionalização dessa atividade, a mesma acontecia sob a égide de condutas que funcionavam como um protocolo de ação focado na preservação da vida tanto da parturiente quanto da criança que estava para nascer.

Nesse sentido, Carneiro e Vilela (2002) explicam que somado à ação de condução de um parto assistido por uma parteira em um ambiente domiciliar e distante de recursos dos quais se dispõe com certa facilidade na atualidade, se tem somada uma quantidade incontável de conhecimentos culturais referentes à medicamentos caseiros e o domínio de situações adversas que podem ocorrer nesse momento.

Em Gomes (1996) encontra-se também uma menção ao fato de que o ato de partejar também tem suas raízes fincadas em uma conduta religiosa, que faz com que a parteira seja considerada uma pessoa apta a exercer tal função com as bênçãos divinas. Essa função por sua vez segue sendo exercida mesmo após o parto com a possibilidade de realização de rezas e benzimentos para a criança que é levada a ela acometida por alguma patologia.

¹¹ Entrevista realizada em 22 de junho de 2022

Novamente Brenes (2005) faz menção ao fato de que, ao ofício – se assim podemos chamar – de parteira, é delegado a função primordial de uma mulher, que é por assim dizer a própria maternidade. Não obstante, é comum que às parteiras seja dado o status de “mãe de pegação” ao qual é reconhecido como um título de autoridade enunciado com gratidão pelos filhos que foram “pegos” por ela no momento do parto.

Já adentrando os tempos contemporâneos, observa-se que a partir do momento em que a realização de partos em locais específicos e destinados exclusivamente para estes fins como as maternidades, se tem a institucionalização do parto, que se fortalece a partir do discurso de oferta de um maior assistencialismo oferecido à mulher prestes a parir.

Em Elias e Martins (2014) encontra-se uma menção a essa condição de institucionalização do parto e do discurso por vezes hipócrita quanto à oferta de maior segurança e segurança de acompanhamento da mulher no momento de parter, como se todos os procedimentos ali realizados fossem exclusivos do ambiente e criados de modo exclusivo para tal fim. Cita-se aí a desconexão desse discurso com a realidade, pelo fato de que, é a partir da ação de parteiras, que por meio de suas experiências e serviços de assistência prestados a uma grande quantidade de mulheres, repassaram, direta e indiretamente seus conhecimentos sobre a arte de parter, conhecimentos esses que seguem em plena aplicação nas instituições que hoje se voltam exclusivamente para esse fim.

Em um artigo divulgado pelo Grupo Curumim que no decorrer de três anos acompanharam as ações de parteiras indígenas em uma tribo do norte do Brasil, e retratam essa experiência, como sendo profundamente rica em conhecimentos ancestrais, que foram adquiridos ao longo dos anos e que seguem repassados para aprendizes que acompanham as parteiras experientes que parter na tribo.

Os pesquisadores evidenciam com isso, a importância de reconhecer o fato de que, mesmo as condições em que o parto doméstico acontece destoando significativamente dos partos assistidos em hospitais e maternidades, é impossível que não se reconheça a essencialidade das ações dessas mulheres, ao longo de séculos de atividades.

Sobre o chamado para parir, Edith Figueiredo relembra que “foi eu mesma que fui chamar. Dazinha morava de frente pra minha casa, onde morou Antônio de Genú. Cheguei e disse ‘Dazinha, chega que tá na hora’, ‘ela não contou história, pegou os troços que ia precisar e voltamos pra minha casa. Foi no quarto, coisa rápida’. E aí continua lembrando sobre os procedimentos, ‘ela mandava a gente deitar, fazia os exames, de olhar pra ver se tava vindo mesmo. Não durava muito, nem nunca teve problema com o resto do povo que ouvi dizer que Dazinha ajudou’”.¹²

No procedimento do ato, Edith Figueiredo nos disse que “os meninos que já tinha, ficavam com minha mãe e minha irmã, Socorro. Meu velho não viu, só soube quando chegou em casa. Assim que Dazinha chegava, fazia o parto, via se tava tudo certo e logo depois ia embora”.

Sobre o acompanhamento pós-parto, Edith Figueiredo destaca que “nem tinha isso, ela só ia ver se a menina tava bem. Mas entreguei a menina a ela pra ser madrinha, ela e Pedrinho (o marido de Dazinha)”. Sobre qual a importância de uma profissional como uma parteira dentro da formação de uma cidade como Puxinanã, Edith Figueiredo disse que “importante demais. Ela era quem pegava os meninos tudo. Hoje tão tudo uns homão e uma mulher bem feita, com filho, e até neto aqui”. Relembra ainda que “era dona Toinha, foi a quem fez o parto dos meninos. Mas depois de Dazinha, nem fiz mais com ela. Dona Toinha já tava velhinha, a bichinha, mas era boa que só você vendo”, a responsável pelos partos antes de Inácia Gonçalves.¹³

¹² Entrevista realizada em 3 de agosto de 2022

¹³ Entrevista realizada em 3 de agosto de 2022

Genésia Miranda de 84 anos teve oito filhos com Inácia Gonçalves, Dazinha, “nem lembro do nome de todos, lembro de Cleonice, Luzinete, Francisco, Cleone, deixa eu me lembrar aqui... lembro mais não, mas foram oito”. Genésia Miranda relembra como era a rotina pouco antes do parto, “eu passava, olha, não é o resgarde de hoje não, passa quatro dia de repouso, deitada. Tinha um banho morno com 15 dias e com 15 dias o fri, aí pronto, a luta era a de casa, eu com 15 dias (depois do parto) eu já fazia a luta de casa, que normal não é como quem é cortado, né?”.¹⁴

Genésia Miranda relembra como era comunicado a parteira que você havia entrado em trabalho de parto, “meu marido que foi buscar ela, eu morava no sítio, agora eu tô na rua, mas Dazinha era quem vinha, quando ela aparecia era mesmo que Nossa Senhora que chegava, tudo normal, não teve nenhum de operação, e ela fez desses oito tudim, a demora era ela chegar”. Relembra ainda que “ela fazia os exames, quando pensava que não, óia, ela mexia, via se o menino tava perto, se tava saindo. E nunca deu trabalho não pra sair”.¹⁵

Sobre a relevância de Inácia Gonçalves para a cidade, Genésia Miranda disse que,

Ela é campeã! Ela ajudou muita gente, bastante. Porque não tinha outra, né? Só tinha ela e comade Toinha do 12, podia fazer sol, podia fazer chuva, qualquer hora da noite, chegando lá, ela (Dazinha) tava pronta, e não só pra mim, era pra qualquer uma, e desse oito fi, tudim se criaram, só um que morreu depois, mas com 40 ano, os que Dazinha pegou, tão até hoje comigo.¹⁶

Genésia Miranda relembra que “antes dela (Dazinha) era dona Toinha, tinha uma Ana aí do Espinheiro (sítio), essa vei uma vez, só uma, mas de resto sempre era cumade Dazinha”. Antônia Silva de 88 anos lembrou em depoimento que “eu comecei a trabalhar com oito anos, com oito anos já trabalhava na feira. Eu me casei com 19 anos e Antônio (marido dela) com 23. Mas tomei conta de loja, era muito direita no que eu fazia”. Destacou ainda que “quando foi pra me casar, entreguei a loja cheia. Então eu trabalhava até a hora de adoecer pra ter menino”.¹⁷

Sobre o comunicado a parteira que você entrou em trabalho de parto, Antônia Silva nos disse que “eu merma ia chamar Dazinha, muitas e muitas vez eu dizia ‘Dazinha vai lá em casa, Dazinha’, ela já sabia. Teve vez que eu vim com ela, sei que foi tudo Dazinha, só não foi os dois primeiro, que foi em Juazeirinho, mas o resto foi tudo ela que pegou. Mas eu acho que foram três, Neto, Bosco e Gorete”, quando questionada o porquê de não ter feito os outros partos em Puxinanã ela nos disse que foi “porque eu não tinha intimidade ainda com o povo daqui e ia ganhar lá em Juazeirinho, por causa da situação financeira mesmo, num sabe? Eu fui lá ter esses três filho. Mas aqui eu chamava ela (Dazinha) e ela vinha, vinha”.¹⁸

Sobre os procedimentos, Antônia Silva relembra que,

Ela era meia ligeira, não tinha ajuda de ninguém. Olhe, teve deles aqui que Antônio tomou café tudinho, quando Antônio saia pra alfaiataria que era bem pertim, quando Antônio saia eu chamava Dazinha, eu mermo ia chamar ela, as vez era ele, mas em quase tudo fui eu merma que fui chamar ela. Só dava tempo ela chegar e fazia os parto.¹⁹

Antônia Silva disse que “era normal, teve deles que quando Antônio tomou café e foi pra alfaiataria, quando ele saiu e já tinha mando dizer a Dazinha, de uma vez eu mandei dizer a Dazinha, aí ela chegou, fez o parto. Aí chegaram na alfaiataria e disseram ‘oxem, Antônio,

¹⁴ Entrevista realizada em 3 de agosto de 2022

¹⁵ Entrevista realizada em 3 de agosto de 2022

¹⁶ Entrevista realizada em 3 de agosto de 2022

¹⁷ Entrevista realizada em 1 de setembro de 2022

¹⁸ Entrevista realizada em 1 de setembro de 2022

¹⁹ Entrevista realizada em 1 de setembro de 2022

Toinha já descansou’, e ele dizia ‘eu não acredito não, que a gente tomou café indagorinha’”, quando questionada sobre as movimentações do parto em si.

Sobre o acompanhamento pós-parto, Antônia Silva nos disse que,

E a recuperação era boa, era home, naquele tempo, graças a Deus foi tudo por Dazinha, lá na rua João Pessoa, hoje onde Ataíde mora, tive quase tudo lá. Depois dali do parto já ficava boa, não tinha isso de ficar 8 dias não, ali já depois era luta, nessa época ela fazia o parto e não tinha isso dela olhar, eu que fui lá. Eça era boa demais, nunca teve cara feia de nada. Desde o primeiro filho que tive aqui já foi ela, tudo ela.²⁰

Antônia Silva disse que “quero muito bem a ela, como parteira era um doce de pessoa, cuidava da gente, não mostrava cara feia pra seu ninguém e também nunca soube dela negar ajuda e nenhuma mulher que ia ter menino”. Destaca ainda a importância de Inácia Gonçalves para a cidade, “pegou muita gente, pegou, que ela era famosa. Né? Era a parteira daqui e da região, só tinha ela, pegou muito menino. Pra mim pelo menos, era boa demais, pra mim e pra todo mundo, que eu nunca vi ninguém não elogiar Dazinha”.

A História Oral nos possibilita esse contado tom as tradições a partir da voz, dos gestos, dos movimentos de perguntar e responder. Foram essas narrativas que nos possibilitou escrever essa história.

2.2 Parturientes

É preciso compreender os discursos, mas, sobretudo a fala dessas mulheres que engendraram uma forma de crescimento não somente populacional, mas até do ponto de vista emocional, pois como destacou Inácia Gonçalves “se meu filho visse, quando eu chegava e a mãe me via, era mermo que um alívio”, nos mostrando, ainda, a importância das relações sensíveis que se desenvolveram nesse contexto que ao nosso ver, não foi apenas profissional. Daremos voz a Inácia Gonçalves para que ela nos conduza nesse fio entre memórias e história,

Fui parteira aqui em Puxinanã, fiz o curso de obstetrícia, puericultura e enfermagem pela Maternidade Cândida Vargas em João Pessoa. Naquela época, Puxinanã pertencia a Campina, e eu fui como se fosse mesmo de Campina. Eu era muito amiga da família de Zoroastro, era como se fosse da família. O povo dos Coutinho tinha muita influência, e colocaram meu nome. O prefeito de Campina era um médico, Elpídio. Eles disseram que era um curso do governo do Brasil, vinha de longe, e só era na capital. Então eu fui como candidata de Campina, mas era para trabalhar aqui. Eu pensava que era pra ser enfermeira, só quando fui chegar lá que me disseram que era pra ser parteira, na hora eu não quis. Chorei que só de desgosto, pensei muito voltar pra casa. Toda noite eu chorava, não queria. Mas eu só pensava em como seria uma falta de consideração com o povo de Zoroastro, até porque eu fui como se fosse de Campina. Mandei uma carta pra casa, dizendo que queria desistir, aí mãe contou ao nosso amigo, Frei Silvério, que era de Lagoa Seca, mas vinha rezar a missa aqui em Puxinanã toda semana. Ele era bem meu amigo e saiu daqui pra ir pra João Pessoa me aconselhar pra não desistir. A gente conversou e ele me convenceu a ficar, até porque não era tanto tempo de curso e foi que nem ele disse, eu ia ter uma profissão. Fiz umas amigas, a gente ia pra praia as vezes, tem até foto. Mirtes mesmo era minha companheira lá, nem sei se tá viva, queria rever todo mundo, as meninas.²¹

Alguns pontos nos chamam a atenção. O primeiro ponto é que no contexto da época, era difícil esse tipo de movimentação para cursos ou mesmo treinamentos, mas que, pelo contato com a família Coutinho, como destacou Inácia Gonçalves, foi possível, justamente pelo fato de

²⁰ Entrevista realizada em 1 de setembro de 2022

²¹ Entrevista realizada em 13 de junho de 2022

que eles “tinha muita influência”, como destacou a depoente sobre como havia conseguido a oportunidade do curso, curso esse que ela acreditava ser de enfermagem, mas que, talvez pela falta de informações sobre, acabou sendo enganada pelas próprias convicções, tendo que se adaptar ao novo desafio.

O curso ocorreu em 1949, quando perguntada como foi o seu retorno à cidade de Puxinanã, agora na condição de parteira, Inácia relembra que,

Em 50 foi quando voltei pra cá, o curso começou em 49, mas em 50 foi quando terminou e eu voltei pra casa. Antes de mim era Dona Toinha, mas também tinha Dona Joaninha. Mãe conversava com ela sobre as coisas do parto, e eu nem pensava em ser parteira. Sempre que Dona Joaninha tava conversando com mãe e entrava nesse assunto, mãe dizia “Dazinha, entra, vou conversar uma coisa com Joaninha, tu não pode ouvir” e depois tava eu, sendo a parteira daqui. Depois peguei gosto. O povo vinha a toda hora, eu ia a pé ou de cavalo, mas quase sempre era a pé. Cansei de sair de madrugada pra ir acudir as mulher que tava ganhando menino. Tinha vez que era a mulher que vinha chamar, a que tava tendo menino. Naquela época não tinha os cuidados que tem hoje em dia. Tanto que eu mesma perdi menino ou ele não vingava porque eu trabalhava até a hora de ganhar. Aí com Gláucio (filho dela), o médico da maternidade mandou eu ter descanso, eu tive e ele nasceu gordo, se criou forte. O povo nem pagava, a maioria nem podia. Me davam coisa de casa, coisa pra comer mesmo, tipo uma galinha, um jerimum, essas coisas. Foi assim que criei os meus no começo. Depois que o estado começou a pagar todo mês, ficou mais fácil.

Nesse depoimento extremamente rico, observamos as relações constituídas do ato do partear, pois como destacou Inácia Gonçalves, muitas pessoas não possuíam condições financeiras para pagar pelos trabalhos, fazendo com que tudo na verdade se tornasse um ofício, uma militância da Inácia e de outras que vieram antes e depois. É importante destacar que devido a condição interiorana da cidade de Puxinanã, essas questões de ordem financeira se intensificavam, em contrapartida eram dessas relações que foram constituídas amizades e relações que perduraram e perduram até hoje entre as famílias locais.

Outro fato interessante e que nos é precioso nesse traçado, é a oficialização de Inácia Gonçalves como parteira “oficial” da cidade de Puxinanã, vejamos o que ela comenta sobre esse assunto,

Foi bem depois de começar. Quando Puxinanã se tornou cidade, aí sim, foi quando comecei a receber do Estado porque era parteira. Puxinanã virou cidade em 62, em janeiro, e em agosto eu recebi minha portaria, mas nem lembro se foi em agosto mesmo, só lembro que o dinheiro era certinho todo mês. As vezes tinha o carro, mas era bem as vezes mermo, e nem era um carro do governo, era de particular, só que eu sempre confiei nas minhas canelas. O médico até disse que isso das minhas pernas foi porque caminhei demais. Mas depois que veio a maternidade ficou tudo mais fácil. Até porque a maternidade tem tudo, é aqui do lado de casa, e o povo vinha até ela, eu não tinha mais que ir de casa em casa, deixei de sofrer. Isso foi em 82, aí em 85 tudo desandou quando Pedrinho (marido dela) adoeceu. Era um pé na maternidade e outro em casa. Mas é como eu disse, sorte que já tava em casa e era tudo perto.²²

É de suma importância perceber o quão de alívio os aparatos do moderno trazem para Inácia enquanto parteira e enquanto cidadã puxinanaense. Mas, realçamos não só a oficialização de Inácia como parteira nomeada pela secretaria de saúde do estado da Paraíba, mas também o fato de que a partir da década de 1980 Puxinanã passa a ter uma maternidade, institucionalizando ainda mais o ofício de partear.

²² Entrevista realizada em 13 de junho de 2022

3 A CIDADE DE PUXINANÃ - É PARIDO UM NOVO TEMPO: INÁCIA GONÇALVES E A MATERNIDADE LOCAL

Nesse contexto de mudanças, Inácia Gonçalves começa a trabalhar próximo de sua residência, e lembra que “foi bem mais tranquilo, bem mais sossegado, e eu até que tinha mais folga”. Inácia Gonçalves é enfática em afirmar que “não reclamo do tempo que era o vai e volta dos sítios. Era tudo a pé, mas eu me sentia feliz por ajudar uma ou outra mulher daquela época”. É na modernidade que Inácia Gonçalves encontra mais tranquilidade, ela destaca que “na maternidade tinha mais coisa, mais gente pra ajudar, até porque eu era sozinha antes, e na maternidade tinha o médico (ela não lembra o nome dele) e tinha Gorete (enfermeira) também”.

Sobre a enfermeira Gorete, Inácia Gonçalves lembra que “ela me ajudou muito nessa época, ensinei tudo o que sabia a ela, e a gente nunca teve problema, ela e eu. Quando o menino demorava a sair ou tinha algum problema já ia pra Campina, era coisa rápida”, e o ofício é repassado de forma natural, a partir, principalmente dessas relações estabelecidas a partir do ato de partejar.

Inácia Gonçalves segue destacando as mudanças no cenário social puxinanaense, vejamos,

Fora que agora todo mundo tinha acompanhamento, podia cuidar do bebê antes mesmo de nascer. Não era como eu fazia, que chegava mermo na hora de pegar e colocar no mundo. Mas depois da maternidade, muita gente que teve menino comigo também teve lá, comigo, com o médico, era com quem tava lá. Deu tão certo que me aposentei, mas continuei lá, tinha como ganhar mais dinheiro assim.

Sobre ser uma peça importante para um possível crescimento populacional e social da cidade de Puxinanã naquele contexto, Inácia Gonçalves aponta que,

Eu nem vejo assim. Nunca pensei que tava fazendo algo demais, era minha obrigação. Se meu fi visse, quando eu chegava e a mãe me via, era mermo que um alívio. Eu ia e fazia o que tinha aprendido a fazer, pra mim era isso. Pegava gosto porque hoje tenho muito cumpade e muita cumade, afilhado já perdi a conta. Eu tinha um cadernim, anotado o nome de cada menino que peguei, do pai e da mãe e a data, mas perdi, era no móvel ali, mas perdi. Acho que foi pra mais de mil, mais mermo. Tem gente que hoje em dia vem me visitar e eu nem sei quem é, a memória tá ruim. Mas esses dias mermo, veio um de São Paulo, me chamou aqui, dizendo que eu tinha pegado ele no colo. Nem lembrava do rapaz, mas ele foi muito educado, disse que era família dos Vicente. Só que se for pensar o tanto de gente que peguei, é Puxinanã toda com gente minha.²³

Inácia Gonçalves se orgulha de ter recebido prêmios da comunidade local através da prefeitura, pelo reconhecimento de seus feitos como parteira, uma delas ela não soube dizer qual era, mas foi o Título de Cidadã Puxinanaense, ela disse que “já lhe contei que recebi um presente da câmara? Pois foi aquele quadro ali (título de cidadã), foi porque fui parteira, me chamaram lá, leram umas coisas, tirei foto com os vereadores, foi bem bonito”.

E lembra que muitos daqueles que estavam presentes na cerimônia passaram por suas mãos, pelo seu auxílio no nascimento, “mas peguei muita gente deles também, até Orlando e Abelardo (ex-prefeitos) foi eu que peguei. A mãe de Orlando queria que fosse com dona Toinha, ela dizia que tinha vergonha de ser comigo porque eu era nova, solteira, mas no dia dona Toinha não podia ir, então eu fui”. Sobre esse episódio, Inácia Gonçalves lembra o diálogo, “assim que coloquei a cara na porta e disse ‘oi Ovídea’, ela disse ‘acredito não Dazinha, e vai ser tu?’”,

²³ Entrevista realizada em 13 de junho de 2022

eu ri e comecei a fazer o parto ela. Orlando foi ligeiro pra nascer, gordo que só. Então foi todo tipo de gente, de todo lugar daqui de perto, por mais de 40 anos”²⁴

Mascelani (2002) ao falar sobre a atuação de parteiras ao longo da história de países como o Brasil, cita que a tentativa de comparar o acompanhamento dessas parteiras em tempos atrás, com as condições que se tem agora, é uma maneira inconcebível de desmerecer todo o trabalho realizado por elas, tendo em vista o fato de que o partejar por elas assistido, centra-se em um período onde a conexão entre um ser humano e outro era o fator de maior relevância. Isso porque, ao se colocar ao lado de uma parturiente, a parteira, sem recursos que possibilitavam uma visão assertiva das condições da mulher em trabalho de parto, sem recursos que permitiam a ela observar a posição exata da criança, e ainda sem o correto monitoramento dos sinais vitais da mulher, pegava para si toda a responsabilidade e grandeza do momento e em uma maioria esmagadora de vezes trazia uma criança ao mundo, cortava adequadamente o seu cordão umbilical, recolhia a placenta da mãe e ao se retirar para sua casa deixava mãe e filho devidamente seguros.

Mesmo sendo recorrente na literatura que trata a respeito dos avanços tidos na arte de partejar, a retratação da parteira como uma figura agraciada com dons divinos, com um tom romantizado de suas ações, é salutar que se pontue a eficiência e domínio de conhecimento de práticas aplicadas a essa conduta, como promotoras de resultados promissores, que são consolidados a partir da observação de dados que comprovam o percentual de nascidos vivos em um período onde havia pouco nenhum recursos médico ao alcance de grande maioria das parturientes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Também não posso esquecer
De uma mulher de verdade
Chamada Dona Dazinha,
A parteira da cidade
Fez nascer muito menino
Usando seu dom divino
Nesse ofício de bondade.*

(FRANÇA, Tuane Ângelo Pereira de, Cordel
Beleza, História, prosa e verso, 2022, p.10).

Os fragmentos em que parcela da história de como se compôs uma cidade do interior foram aqui apresentados, em meios a suas características e nuances, o que foi exposto foi bem mais além das pontes que se erguem entre os extremos do formal e dos causos contados, montando assim a performasse do agente histórico e das diretrizes do saber fazer história.

Inácia foi o “x” do mapa que trilha um dos caminhos percorridos por todo um povo de uma cidade, relacionando costumes e crenças, seguimentos de uma vida privada em meio ao ofício do partejo e de como tais preceitos foram colocados como camadas, uma por cima da outra, sendo cada qual desvendada por cada palavra que fora explanada nos dizeres das mães, dos “meninos” e de cada um que conhece Dn Dazinha, do seu ofício e da sua trajetória no que tange estes pouco mais de trinta anos citados.

²⁴ Entrevista realizada em 13 de junho de 2022

Sendo assim, caminhamos por entre o arcaico e o moderno, construindo alicerces que sustentam uma discussão eminente em torno do parto e de como ele se deu, como também de como ele se dá nos dias atuais, mirando quase sempre em como este foi peça chave para a formação de um lugar.

Contudo, a história se fez ciência no que diz respeito a materializar a importância de cada indivíduo e suas particularidades que fazem parte de um contexto constituinte do ato de reinventar-se enquanto as lentes que enxergam o presente e fazem do passado sua principal sala de estar, iluminada por um vasculhame de estórias.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marli Brito M., KLEIN, Lisabel Espellet. **Pensando a fotografia como fonte histórica.** Cadernos de Saúde Pública, R.J., 1987.
- ALCADE, M. S. G. **Patologia psiquiátrica en el puerpério.** Revista de Neuropsiquiatria, 65(1), 32-46. 2002
- ALIANE, P.P., MAMEDE, M. V., & FURTADO, E.F. **Revisão sobre fatores de risco associados ao parto.** *Psicologia em Pesquisa*, 5, 146-155. 2011
- BASTIDE, Roger. **O sagrado Selvagem e outros ensaios**/tradução Dorothee de Bruchard; revisão técnica Reginaldo Prandi- São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BIBLIA SAGRADA: Livro de Gênesis. Capítulo 3; Versículo 16. Edições Paulinas. 1995.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social** / Ecléa Bosi. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRENES, Anayansi Correa. **Bruxas, comadres ou parteiras: a obscura história das mulheres e a ciência; dos contornos do conflito parteiras e parteiros franceses.** Belo Horizonte, MG: COOPMED, 2005. 96 p.
- BURKER, Peter. **Cultura Popular na idade moderna.** 1988.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950).** Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em Sociologia Doutorado em Sociologia. João Pessoa - PB 2007.
- CARAS: Revista. **A maternidade e sua cara real.** Entrevista com a apresentadora Tata Werneck. Editora Abril. Brasil 2019.
- CARNEIRO, L. M.; VILELA, M. E. **Parteiras da Floresta.** In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (Org.). Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as parteiras do Amapá. São Paulo: Cortez, 2002. p. 78-87.
- casa.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 09, n. 02, p. 476 - 488, 2007. Disponível em:<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a14.htm>.
- Catarina: UNESCO, 2005. pp. 127-134.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **Formas e sentido.** Cultura escrita: entre distinção e
- DIAS, Maria Djair. **Histórias de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em**

ELIAS, G.K; MARTINS, I.T. **Maternidade à luz da psicanálise: uma revisão sistemática da literatura.** Psicol. clín. vol.28 no.1 Rio de Janeiro, 2014.

FRANÇA, Tuane Ângelo Pereira de. **Beleza, História, prosa e verso.** Puxinanã/PB, 2022.

GOMES, M. L. **Um encontro de mulheres – dar à luz. Rio de Janeiro,** 1996. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) –Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

GRUPO CURUMIM, GESTAÇÃO e PARTO. **Grupo Curumim: trabalho no Amapá.** In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (Org.). Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as parteiras do Amapá. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 96-105.

história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 7-21.

LACERDA, A. L. T. et al. **Partejar: do neurônio ao funcionamento social.** Cap. 5: Depressão Durante a Gravidez e a Lactação, p. 75. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias- Usos sociais e historiográficos.** In. O Historiador e suas fontes/ Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs), - 1. Ed., São Paulo: Contexto, 2021.

MASCELANI, A. **Um mergulho no mundo das parteiras: aquelas que vivem às margens dos rios e igarapés da região amazônica de Caxiuanã e Melgaço, PA.** In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (Org.). Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as parteiras do Amapá. São Paulo: Cortez, 2002. p.112-125.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na**

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

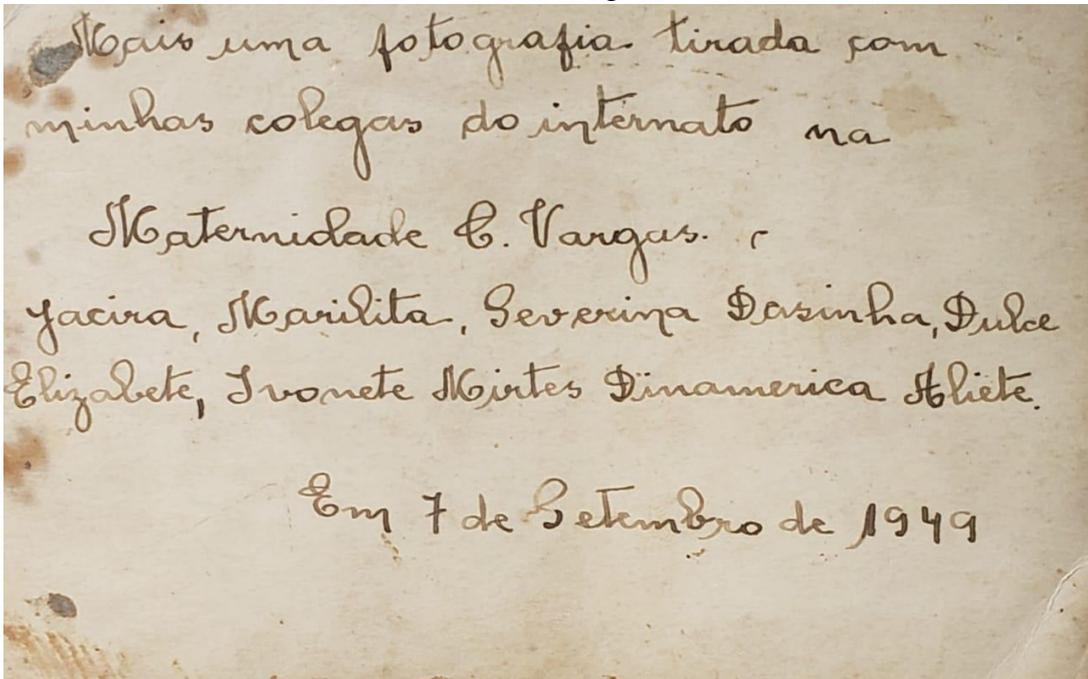
_____. **História e sensibilidades.** In Revista Tempos Acadêmicos nº 3. Santa apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** 2009.

SOUZA, Thaís Urueña Lopes de. **A mãe deprimida: um estudo psicanalítico acerca do sofrimento psíquico no pós parto.** Monografia. Brasília 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12045> acesso em out de 2022.

ANEXOS

Anexo 1: Verso de fotografia em 1949



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Anexo 2: Medalha de Honra ao Mérito



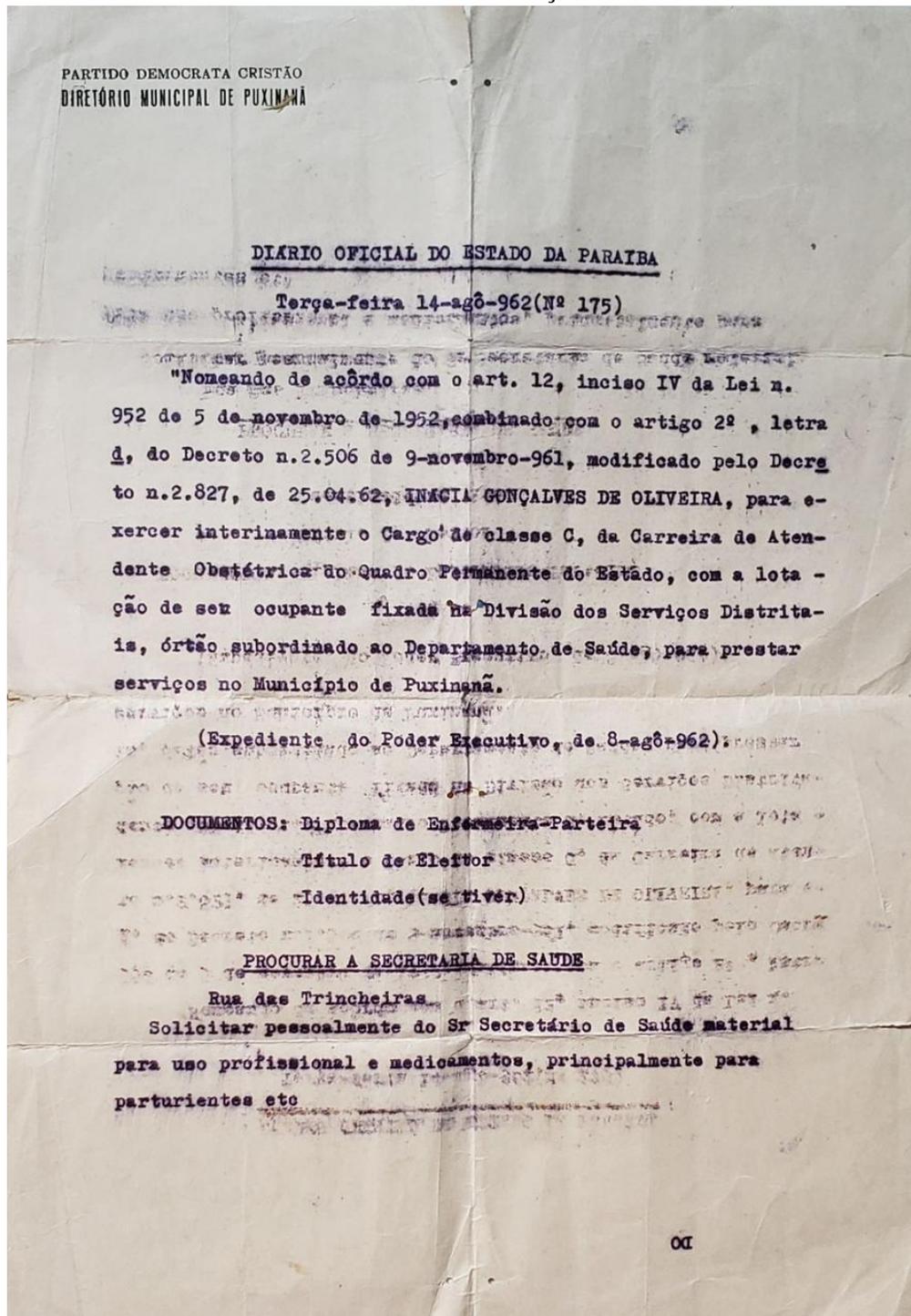
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Anexo 3: Diploma



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Anexo 4: Nomeação



Fonte: Acervo pessoal do autor.

AGRADECIMENTOS

Não quero me demorar e nem enaltecer quem ou o que não se fez soma diante de todo o processo de estudo por aqui vivido. Mas de fato, reconheço a importância e veemência no que diz respeito não unicamente ao saber/conhecer, mas sim, diante de uma adaptação do sistema e seus derivados e dizer que cá estou mais uma vez tentando associar o que é agradável ao útil. Acreditei e enfrentei. Agradeço aos professores que estão comigo desde o processo de escolha em relação ao meu projeto no que tange a seleção. Mesmo sabendo que faz parte, ainda assim, não reconheço meu trabalho como algo acima dos demais, mas sou grato pela atenção de todos em relação a minha pesquisa e escrita como uma das escolhidas.

Agradeço em especial a minha orientadora, Prof.^a Dra. Hilmária Xavier Ribeiro, que pacientemente me conduziu diante este último passo da pós graduação, buscando entender toda a demanda empregatícia que carrego e que mesmo assim, me apoiou diante e acima de tudo o que se espera de uma orientação acadêmica. Agradeço também as professoras Thuca Kessia e Raquel Silva Maciel, que fazem parte da minha banca examinadora e se dispuseram a analisar meus dizeres no que tange a história como ciência e as regras do meio acadêmico, esperando que tudo o que foi escrito aqui seja digno de vocês.

Agradeço também a toda equipe que coordena e compõe o curso de Especialização em Estudos de História Local: sociedade, educação e cultura, principalmente, na pessoa da Prof.^a Dr.^a Luíra Freire Monteiro.

Enfatizo meus agradecimentos diante das mulheres entrevistadas, que contribuíram bastante para a concretização do que vem a ser a memória e suas nuances. Estas mulheres e seu dizerem fizeram poesia no que diz respeito a Inácia e seus feitos enquanto parteira.

Agradeço ainda mais a Dn Inácia por ser quem é; uma mulher de boa índole que fez e faz história tanto em Puxinanã, quanto no meio de sua vida privada, regrada diante de ser uma ótima matriarca, fazendo de nós quem somos.

Findo com o reconhecimento do respaldo que tive dos meus pais, Fernando Antônio e Magaly Silva Costa, como também, o da minha irmã, Laura Maria, e da minha cadelinha, Matilda, mas de longe, em número, grau e amor, agradeço a minha namorada e futura esposa, Eryane Figueiredo, por ter se tornado meu principal alicerce desde o ato de inscrição até o momento de defesa deste trabalho. *Meu muitíssimo obrigado a todos!*